

Megan Maxwell

Nosso longo adeus

TRECHO ANTECIPADO POR  **essência**. VENDA PROIBIDA.

Megan Maxwell

Nosso longo adeus



Tradução:

Salomé Castro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Megan Maxwell, 2025
Copyright © Editorial Planeta, S. A., 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução de Portugal © Salomé Castro, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Nosso longo adeus*

Preparação: Luana Negraes
Revisão: Marcia Alves
Projeto gráfico: Fabio Oliveira
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Planeta Arte & Design
Ilustração de capa: © Sito Recuero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maxwell, Megan
Nosso longo adeus / Megan Maxwell ; tradução de Salomé Castro. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.
416 p.
ISBN 978-85-422-4216-4
Título original: *Nosso longo adeus*
I. Ficção espanhola I. Título II. Castro, Salomé
26-1151 CDD 863

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Dante MT Pro
e impresso pela Lis Gráfica para a Editora
Planeta do Brasil em abril de 2026.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO I

Ilha de Ibiza (Espanha), 1995

— Mamãe... Mamãe... Mamãe... Mamãe...

— Essa menina vai acabar esgotando a palavra “mamãe” — comentou Rhoda, rindo enquanto ouvia a filha e sorria para o marido.

— Mamãe.

— Agora é a outra — disse ela, rindo mais.

Os Suárez Papadopoulos estavam sorrindo quando Penélope e Briseida, duas lindas menininhas de doze e dez anos, apareceram diante deles.

— Eu fico com o quarto azul! — disse a mais nova, confiante.

— Não! Eu que quero esse — protestou Penélope.

— Quer tomar um soco?

— Briseida Suárez Papadopoulos — chamou a mãe em tom de aviso, na sua versão Exterminador do Futuro. — Saia já de perto da sua irmã!

As irmãs se entreolharam quando o pai, Gabriel, sentado na poltrona, argumentou:

— Até onde sei, os dois quartos são muito bonitos e têm um terraço em comum.

— Mas eu quero o azul!

— Afe!

— Quem chegou primeiro? — insistiu o pai.

— Eeeu — afirmou Briseida.

Penélope, ouvindo a irmã, acrescentou rapidamente:

— Só chegou primeiro porque me empurrou, e...

— Você me empurrou na casa dos *pappouides* para ficar com a cama perto da janela, ou já esqueceu disso?

— Mas...

— Me empurrou ou não empurrou? — insistiu Bris.

Penélope olhou para os próprios pés. Todos viram a pequena Briseida sair voando na casa dos avós, em Santorini, então Penélope deu de ombros e admitiu:

— Tá boom.

Briseida, conhecida como Bris, sorriu, feliz da vida. Tinha uma personalidade muito mais marcante que a da irmã, mesmo sendo mais nova. Sentou-se no sofá ao lado do pai.

— Ganhei! — sussurrou ela.

Instantes depois, quando Penélope e a mãe foram ao jardim para ver um belo arco-íris sobre o mar, Gabriel sussurrou à filha mais nova:

— Abra os punhos e relaxe. Você já tem dez anos.

— Quase onze!

A menina deu um sorriso travesso, e o pai perguntou:

— Estava mesmo pensando em dar um soco na sua irmã?

Briseida olhou para ele. Ela adorava a irmã.

— Claro que não, papai — murmurou.

Gabriel, acenou com a cabeça, achando graça. Suas filhas eram como a noite e o dia, mas se adoravam, se amavam de verdade.

— Maldito temperamento grego! — zombou ele, despenteando o cabelo curto de Bris.

Entendendo o motivo para ele comentar aquilo, ambos sorriram. Então, ao ver o que a mãe e a irmã lhes mostravam, a menina disse:

— Olhaaa, que legal, um arco-íris!

Gabriel concordou com um aceno. Aquela maravilha da natureza podia ser vista sobre o mar, e ele apontou para ela:

— Sim, Pepininha.

— Papaaai!

— Tá bom, tá bom...

A menina sorriu, divertindo-se. O pai a chamava assim desde que ela participara de uma peça de teatro, e isso sempre a fazia rir.

— São os anjinhos trabalhando para realizar os nossos desejos — disse ela, lembrando o que se dizia sobre os arco-íris. — Vai, papai, olha pro arco-íris sem piscar e faz um pedido!

Contente por ouvir isso, Gabriel obedeceu. Tinha aprendido com sua mãe esse jogo de fazer um pedido ao arco-íris, e agora ele brincava com as filhas.

— Pronto! — exclamou, alegre. — Hoje vai ser um bom dia para todos.

— Este lugar é legal, papai.

Gabriel acenou com a cabeça. A esposa, Rhoda, sempre quisera conhecer a ilha de Ibiza.

— Sim, querida. Aqui é muito bonito — concordou, acariciando o cabelo da filha.

Rhoda e Penélope voltaram para a sala de estar, e Gabriel sorriu ao ver a mulher e as filhas felizes. Nada o agradava mais do que poder mimá-las, e as férias de verão eram sempre uma boa época para isso.

Em Los Angeles, devido ao trabalho na indústria cinematográfica, levava uma vida agitada e muitas vezes estressante. Se uma produção fracassasse, a perda financeira era significativa, e, mesmo que tudo corresse bem, ele conhecia outros produtores que não tinham escapado à falência.

Para Gabriel, o trabalho era um prazer, ele o adorava. Gostava muito de ser produtor audiovisual. Mas aquilo de que tanto gostava o privava do seu outro prazer, que eram Rhoda e as meninas. Por isso, ansioso para aproveitar o verão com elas ao máximo, perguntou:

— Gente, quem quer ir à praia?

As meninas se levantaram de imediato. Ir à praia, nadar e brincar na areia com o pai era sempre divertido.

— Podem ir — disse Rhoda, olhando para eles. — Enquanto isso, eu desfaço as malas.

— Amor, estamos de férias. Além disso, tem um serviço para...

— Gabriel — interrompeu-o a esposa. — Tem coisas que nós mesmos temos que fazer, e você me conhece. Preciso que tudo fique ajustado para poder me divertir. Quero ir ao mercado fazer as compras, depois deixar a refeição pronta e organizar tudo direitinho.

Ele concordou com a cabeça. Rhoda, a mulher que amava, era uma grega à moda antiga, para quem a família era a coisa mais importante. E ainda que a vida em Los Angeles proporcionasse confortos que outras mulheres não tinham, Rhoda continuava a se preocupar com o que considerava primordial: o bem-estar da família. Era uma mãe à moda antiga.

O pai e as filhas entraram em ação rapidamente. Trocaram de roupa, vestindo os trajes de banho, pegaram algumas toalhas e, quando chegaram a uma enseada privada da propriedade, Gabriel, vendo outras pessoas acompanhadas por crianças, apontou:

— Ali parece ser um bom lugar.

Os três dirigiram-se para lá e, após largar o que tinham nas mãos, entraram na água para se refrescar e brincar.

CAPÍTULO 2

Os dias em Ibiza estavam correndo bem, e os Suárez Papadopoulos logo fizeram amizade com os habitantes do condomínio chique. O fato de um produtor de cinema e televisão famoso, nascido na Espanha e com rediência em Los Angeles, como Gabriel, estar hospedado ali se espalhou como fogo em palha pela região.

Quem não gostaria de conhecer a ele e à família?

À noite, após os belos dias de praia e sol, muitos dos vizinhos se reuniam no clube social. Ali confraternizavam com pessoas de diferentes nacionalidades. Enquanto conversava com outros homens, Gabriel, vendo as filhas brincando com as outras crianças, disse em espanhol:

— As meninas estão adorando este lugar.

Após agradecer ao garçom por ter lhe servido duas bebidas, Simone, um italiano simpático, entregou uma delas a Gabriel e concordou:

— Para as crianças, isso aqui é um barato.

Os dois sorriram. Gabriel, após tomar um gole de sua bebida e de se lembrar de um e-mail que recebera pela manhã sobre um lindo apartamento que estava pensando em comprar, perguntou:

— Considerando que você é advogado e mora em Madri, se importaria se eu te chamasse amanhã para fazer algumas perguntas sobre um apartamento que estou pensando em comprar como investimento lá?

— Quando quiser.

Então voltaram ao tema das férias, mas de repente Simone comentou:

— Bem, se está pensando em investir, nem pense duas vezes: compre essa casa que alugou. Já te disse que os proprietários, que são dinamarqueses, estão interessados em vendê-la. Eu os conheço e tenho a certeza de que te fariam um precinho camarada.

— Vou pensar nisso. Investir em imóveis é sempre bom.

Simone balançou a cabeça. Concordava com ele.

— Se tiver o capital para fazer isso, não pense demais — insistiu ele. — É um bom momento. E tanto o apartamento em Madri como a casa aqui vão valorizar com o tempo. São excelentes aquisições.

Gabriel assentiu. Os pais tinham morrido num acidente de carro quando ele tinha dezoito anos, e o único tio vivo abria mão de cuidar dele. Depois de

vender a casa dos pais em Madri, pronto para começar uma nova vida, mudou-se para Nova York, cortando qualquer comunicação com esse parente. Mas os anos tinham se passado, e ele gostava de visitar a capital espanhola com a família; tanto ter um apartamento lá como uma casa em Ibiza pareciam excelentes opções.

Aproximaram-se do local onde as esposas estavam papeando. Olalla, a esposa de Simone, parecia encantada com os novos vizinhos.

— Temos clientes nos Estados Unidos, em Paris, em Roma e em Bruxelas, e às vezes meu marido e eu viajamos para vermos como estão indo as coisas.

Rhoda balançou a cabeça ao ouvir isso. Embora não conhecesse Olalla, logo notou, pela forma como falava, que tipo de mulher ela era. Porém ofereceu com gentileza:

— Bem, da próxima vez que forem a Los Angeles estão convidados para ficarem na nossa casa.

Olalla agradeceu com um gesto. Embora sua vida fosse confortável em Madri, por ela e o marido serem proprietários de um escritório de advocacia de prestígio, era evidente que a vida de Rhoda e Gabriel era muito mais glamourosa que a sua. E embora intelectualmente preferisse falar com Gabriel, por considerá-lo mais interessante que Rhoda, que apenas cuidava das crianças e da casa, sabia que se tornar amiga dela era uma excelente opção.

— E onde vocês moram em Los Angeles? — perguntou Olalla.

— Na casa dos meus sonhos. Em Bel Air.

Olalla assentiu. Era sempre bom ter amigos tão influentes e ricos.

— Ah, minha querida, vai ser maravilhoso! — exclamou ela.

Como era de se esperar, outras mulheres se convidaram também, e Rhoda assentiu prontamente. Na sua casa, e como boa grega, sempre havia lugar para todo mundo.

Entusiasmadas por saber que Rhoda conhecia atores e atrizes famosos, as mulheres fizeram todo tipo de perguntas, às quais ela respondeu com simpatia. Uma quis saber como ela e o marido tinham se conhecido.

— O Gabriel e eu nos conhecemos em Nova York — respondeu.

— E como é que você fala espanhol tão bem? — perguntou Olalla, muitíssimo interessada na nova amizade.

— Na Grécia, eu tinha uma vizinha espanhola, a Petra. Ela me ensinou o básico. Depois, quando fui para Nova York, continuei aprendendo com os amigos que conheci lá, a maioria de origem latina, e mais para a frente com o Gabriel, que é espanhol.

— E o que uma grega e um madrileno estavam fazendo em Nova York? — perguntou novamente Olalla.

Gabriel e Rhoda se entreolharam.

— Estávamos tentando ganhar a vida — respondeu ela.

— Excelente plano! — disse Simone.

— No meu caso — continuou Rhoda —, quando meu tio Spiros e minha tia Nereida se mudaram para Nova York a trabalho, insisti em ir com eles, para horror da minha mãe. Eu queria estudar enfermagem lá e depois voltar para a Grécia.

— Algo que só faz de visita — interveio Gabriel. Esse comentário fez ambos sorrirem. Então continuou: — Rhoda estagiou num hospital enquanto estudava. E eu estava estudando produção audiovisual graças a uma bolsa que recebi. Lembro que nos conhecemos quando fui ao hospital acompanhar meu amigo James, que agora é meu sócio na produtora. Ele havia sofrido um acidente de moto. Eu não conseguia parar de olhar para ela. Mas a linda enfermeira nem sequer reparou em mim. Me ignorou completamente.

— Eu não tinha te visto... — esclareceu ela, rindo.

Gabriel revirou os olhos de brincadeira e, sentado ao lado da esposa, continuou:

— Após alguns dias, conheci Constantino, que era amigo de James, e, curiosamente, descobri que ele era parente da linda enfermeira. E, bem, uma noite nos encontramos num bar, ele nos apresentou, eu a chamei para dançar ao som de uma bela canção de Ella Fitzgerald e ela nunca mais me largou. E tem mais, lembro de Constantino me dizer: “cuidado com as mulheres da minha família, porque, além de terem um temperamento forte, são meio bruxas”. Não dei ouvidos a ele e acabei sendo enfeitado por esta linda bruxa!

Isso fez com que o grupo caísse na gargalhada.

— Ai, como você é palhaço — comentou Rhoda, com um sorriso.

Todos riram novamente. Simone, fazendo careta, como um bom italiano, disse em tom de brincadeira:

— Mais que um palhaço, você tem cara é de mafioso.

— Simone! Preste atenção no que diz — repreendeu Olalla.

— *Amore!*

Pouco depois, enquanto os dois casais tomavam um drinque, Gabriel contou que, depois de se formar na escola de cinema, a primeira coisa que ele e Rhoda fizeram foi ir a Santorini pedir a mão dela em casamento, como mandava a tradição. Lá, de cara, a família recusou. Ele não era grego!

Mas Gabriel os conquistou um por um com seu jeito de ser. Foi de rejeitado por não ser grego a alguém indispensável para todos pelo afeto que

sentiam por ele, e a família acabou aceitando a união. Ele seria um bom marido para Rhoda.

Na segunda vez que foram a Santorini, casaram-se numa cerimônia animada organizada pela família. Mas havia outro empecilho: a família queria que eles se mudassem para a ilha, mas Gabriel sabia que ficar ali não seria boa ideia, levando em conta o tipo do trabalho que tinha, então convenceu Rhoda a se mudar para Nova York. Não foi fácil para ela, mas acabou concordando por amor.

Após algum tempo em Nova York, eles se mudaram para Los Angeles, onde o mercado audiovisual americano estava concentrado. Gabriel e seu amigo James criaram a produtora de filmes Shared Dreams, que começou a prosperar de imediato. E Rhoda arranhou trabalho como enfermeira num hospital. Mas quando Peny e, mais tarde, Briseida nasceram, Rhoda decidiu deixar o seu emprego para cuidar das filhas.

Encorajados pelas confissões, Simone e Olalla, escondendo parte da verdade, contaram que tinham se conhecido durante um verão em Nápoles. Ela, uma espanhola da Corunha, recém-formada em direito. Ele, um italiano de Nápoles, que também havia concluído os estudos na mesma área. Os pais de Olalla e o pai de Simone eram todos advogados.

A diferença entre eles era que a mãe de Olalla, viúva, dirigia um famoso escritório de advocacia na Corunha, e o pai de Simone trabalhava junto do filho para um pequeno escritório de advocacia em Nápoles. E o que começou como um amor de verão acabou, pouco depois, num casamento na Catedral da Almudena, em Madri.

O que o casal não contou foi que, quando se casaram, a mãe de Olalla, Alvariña, uma mulher de personalidade forte, propôs que trabalhassem no seu famoso escritório de advocacia na Corunha, mas Simone recusou. Queria começar o próprio projeto com Olalla em Nápoles. O problema é que não tinham crédito para isso, e Alvariña se ofereceu para ajudá-los, com a condição de que se mudassem para Espanha, juntando-se a ela, e que o nome Vizoso aparecesse primeiro na placa, antes de Lombardo.

Simone não viu a proposta com bons olhos. A sogra sempre o olhava com desprezo. Sabia que não gostava dele, não o suportava. Mas, movido por seu amor pela esposa, aceitou. Mudaram-se para Madri, onde abriram o escritório de advocacia Vizoso-Lombardo, um negócio que prosperou rapidamente, graças aos contatos de Alvariña.

Quando os filhos nasceram, Simone sugeriu a Olalla que cuidasse deles, que aproveitasse aquele momento, mas Alvariña não permitiu. Se ela tinha trabalhado mesmo sendo mãe, por que a filha não poderia fazer o mesmo?

Isso provocou uma grande discussão entre o casal. Não era isso que tinham combinado. Mais uma vez, Alvariña conseguiu o que queria, e Simone teve de ficar calado.

— Qual a idade das meninas? — perguntou Olalla.

— A Penélope tem doze, e a Briseida, dez.

— Que nomes mais diferentes.

— São de origem grega, como o meu — explicou Rhoda.

— Já ouvi o nome Penélope antes. Aliás, tem uma música de uma cantora e compositora espanhola com esse nome. Mas nunca ouvi o nome Briseida. Qual o significado?

— Deusa da beleza.

Olalla pestanejou ao ouvir isso. Aquela menininha que chutava a bola para seu filho mais novo como se fosse um moleque teria que mudar muito para virar uma deusa da beleza.

— Quando soubemos que tínhamos outra menina a caminho, a princípio pensamos em lhe dar o nome de Teresa, como a mãe do Gabriel — continuou Rhoda. — Eu tinha escolhido Penélope, e agora era a vez dele de escolher. Mas tudo mudou numa noite quando, voltando de uma festa, um carro bateu de frente com o nosso.

— Não brinca!

— O acidente provocou o descolamento da placenta, então tive que passar por uma cesariana de emergência com apenas sete meses de gestação.

— Meu Deus!

— Foi muito complicado. Quase perdemos a bebê, e sabemos que ela teve que lutar muito para sobreviver.

— Ai, tadinha!

— No meu país, além de ter esse significado de deusa da beleza, o nome Briseida está relacionado a mulheres batalhadoras e determinadas. Bem, lá da Grécia, minha família começou a chamá-la assim, por sua luta, e no fim tanto eu como o Gabriel decidimos lhe dar esse nome, por ela ser uma guerreira.

Olalla balançou a cabeça. Aquilo lhe trazia recordações de um passado que ela tentara esquecer.

— Sinceramente, gostaria de ter tido uma menina para encher de rendas e lacinhos — admitiu. — Mas Deus me deu dois meninos.

— Você é jovem, mulher, ainda tem tempo para ter essa menina. — Olalla negou com a cabeça e Rhoda, vendo o gesto, perguntou: — Que idade têm os meninos?

— O Álvaro tem treze e o Andrea, onze. E, como vocês, cada um de nós escolheu um nome. O Álvaro, meu primogênito e meu orgulho, tem esse

nome em homenagem à minha mãe, Alvariña, e o Simone deu o nome de Andrea em homenagem ao pai.

Rhoda pestanejou. Como é que Olalla podia elogiar um filho só? Para ela, tanto Peny como Bris eram seu orgulho.

— Só espero que no futuro meus filhos sejam bons cristãos — declarou Olalla —, e dois excelentes advogados no escritório que minha mãe construiu e que o Simone e eu alavancamos.

— Eu só quero que as meninas sejam felizes fazendo o que gostam — disse Rhoda, olhando para as filhas, que brincavam com as outras crianças.

Ao ouvir isto, Olalla hesitou. Vindo de Rhoda, o comentário não era de surpreender. O que ela esperava de uma mulher que se dedicava exclusivamente à criação das filhas?

— E o que suas filhas gostam de fazer? — questionou ela, sabendo que era uma pergunta obrigatória.

— Peny gosta de desenhar, e Bris, de dançar — respondeu, sem nem pensar.

— Os meus filhos nunca poderão fugir das obrigações que nosso sobrenome carrega — comentou Olalla, incrédula. — E... — De repente, a algazarra das crianças as interrompeu, e ela gritou: — Andrea!

Levantaram-se e foram correndo até onde acontecia a confusão. Sem surpresa, Rhoda viu a filha mais nova brigando com um menino, enquanto Andrea, o filho de Olalla, chorava no chão.

Separaram as crianças rapidamente, e quando Rhoda pediu explicações à filha, Bris gritou:

— *Malaka!* — Rhoda fechou os olhos ao ouvir a filha chamar o menino de idiota em grego na frente de todo mundo. Que horror! Por sorte, ninguém a entendeu, mas então, olhando para a mãe, a menina continuou em espanhol: — Aquele idiota é um imbecil e...

— Bris!

— Mas mamãe, ele empurrou o Andrea — insistiu a menina.

A mulher que segurava a terceira criança em questão olhou para o filho e perguntou:

— Robertito, o que a menina está dizendo é verdade?

O tal Robertito não disse nada, e Briseida, aproximando-se dele, empurrou-o e gritou:

— Fala, seu gambá fedorento!

— Bris, olha a boca, ou um turco te leva embora! — ralhou a mãe, segurando-a.

— Como pode ser tão desastrado, Andrea? — grunhiu Olalla ao ver sangue no joelho do filho.

— Tá doendo muuuito!

— Andrea, para de chorar! Homens não choram — sibilou a mãe.

Mas o menino chorava. O machucado doía, e a menina, que ficara muito amiga dele, encarou Robertito e o ameaçou:

— Se encostar nele de novo, quebro seu nariz. — O menino sorriu para ela, travesso, e sem pensar ela disparou, dessa vez em espanhol: — Seu idiota!

— Bris, já chega!

Rhoda ficou furiosa ao ouvir a filha e ver como as outras mães olhavam para ela.

— Nossa senhora, que língua afiada e que gênio tem essa menina — murmurou Olalla, levantando o filho do chão.

— Temperamento grego — afirmou Rhoda, segurando a filha.

O tal Robertito mostrou a língua para Bris, que protestou, furiosa:

— *Gamisou!*

Ao ouvir a filha dizer “Vai se foder” em grego, Rhoda a alertou:

— Briseida Suárez Papadopoulos, você está passando dos limites!

— Não gosto nada desse idiota. E...

— Bris, pelo amor de Deus, feche já a boca!

Nesse momento, Simone e Gabriel se aproximaram para ver o que estava acontecendo. Álvaro, o irmão mais velho de Andrea, também veio correndo. Ao ver o sangue no joelho do irmão, sem pensar, olhou para a menina e disse:

— Bate de novo no meu irmão pra você v...

— Álvaro! — repreendeu o pai.

A menina o encarou, incrédula. Mas o que aquele idiota estava dizendo?

— Álvaro, ela me defendeu — explicou Andrea, enxugando as lágrimas.

— Foi o Robertito.

Ao ouvir isso, Álvaro encarou o tal Robertito. Não precisou falar nada, disse tudo com um olhar. Quando voltou a olhar para Bris, ela lhe mostrou a língua em sinal de irritação e, com uma arrogância que o surpreendeu, apontou para os próprios olhos e depois para ele com o indicador e o dedo médio da mão direita.

Álvaro entendeu isso como um “estou de olho em você” e sorriu. Que menina engraçada!